

ENSINO SUPERIOR Pavilhão de São Lázaro possui rachaduras e infiltrações

Salas de aula da Ufba têm problemas estruturais

HIEROS VASCONCELOS

Alunos do Pavilhão Professor Thales de Azevedo, no campus de São Lázaro da Universidade Federal da Bahia (Ufba), estão aflitos com as dezenas de rachaduras que começaram a aparecer em salas, paredes e estruturas do prédio.

Construído há cerca de um ano e meio, pela empresa Renovar Engenharia Ltda., o pavilhão apresenta outros problemas como falta de forro no teto de uma das salas, que em dias de chuva causa goteiras e alagamentos durante as aulas, falta de acessibilidade para cadeirantes e a já costuma insegurança que toma conta do campus, onde estão

as faculdades de Filosofia, Psicologia, Serviço Social, Ciências Sociais, Museologia e História.

Em julho, as rachaduras levaram o engenheiro Marco Antônio Lima de Oliveira a solicitar uma vistoria na estrutura do prédio, por considerar preocupante a situação do prédio. Em agosto, a empresa responsável pela construção esteve no local e, em nota, afirmou que as rachaduras e fissuras estão nas vedações e não nas estruturas do edifício, por isso não comprometem a segurança do pavilhão. Segundo o parecer técnico da empresa, as rachaduras e fissuras foram provocadas por "acomodação da estrutura ou dilatação térmica da última laje".

Segundo a construtora, rachaduras estão nas vedações e não nas estruturas

No entanto, estudantes do Coletivo Levanta e Luta e da comissão formada por alunos do campus de São Lázaro esperam que a vistoria seja realizada por um órgão fiscalizador e independente, no caso o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea). "É uma situação que nos preocupa. Trata-se de um prédio muito novo, que já está cheio de rachaduras. A empresa não nos procurou para conversar e só este mês que foi divulgado o parecer", comenta a estudante de ciências sociais Gabriela Messias, 22 anos.

Além das rachaduras e goteiras em dias de chuva, professores e alunos passam horas em salas sem ar-condicionado, com apenas um ventilador. "São diversos problemas que encaramos. Praticamente não há segurança à noite", reclama Gil Daltro, membro do Coletivo. No edifício, foi iniciada a construção de um sistema de refrigeração, não foi concluído. "Quando chove, temos que botar balde e mesmo assim transborda", lembra a estudante de psicologia Paula Gonzaga.

A coordenadora-geral do pavilhão, Fátima Carvalho, diz que os alunos devem ficar "tranquilos" quanto às rachaduras e garante que, com o intervalo das aulas, a empresa construtora fará os reparos necessários.

Forro

Sobre a falta de forro em algumas salas, a coordenadora diz ter feito a solicitação do material de reposição. "O problema é que tem muitas mangueiras no terreno e o pessoal joga muita pedra no telhado. O material para substituir vem de São Paulo e, para atender à nova demanda, é de 40 a 60 dias. Mas tudo já foi solicitado", informa Fátima.

Ela reconhece, no entanto, o desconforto gerado pela ausência de um sistema de refrigeração e pela pequena quantidade de ventiladores. "Todos os pavilhões foram entregues sem refrigeração, com exceção do PAF III. É uma demanda que a universidade não tem verba de custeio", admite a coordenadora.

A insegurança reclamada pelos alunos, continua ela, deve ser parcialmente remediada com uma nova iluminação no campus. "Solicitei uma nova iluminação, que será igual à que foi feita no Campus de Ondina", afirmou.



"Trata-se de um prédio muito novo, que já está cheio de rachaduras"

Falta de forro no teto de uma das salas causa goteiras e alagamentos em dias de chuva